

DO PÚLPITO AO PLENÁRIO: UMA ANÁLISE DA DESENFREADA INSERÇÃO DE HOMENS ECLESIAIS NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA NUMA RELAÇÃO RELIGIÃO E POLÍTICA PARTIDÁRIA .

Daniele de Jesus Oliveira -orientador José Geraldo Alberto Bertoncinni Poker – Sociologia.
Departamento de Sociologia e Antropologia – campus de Marília

A utilização da religião como instrumento de manipulação política figura como um dos fenômenos preocupantes da realidade brasileira no momento mesmo em que o país julga ter alcançado um elevado estágio de evolução democrática, entretanto, observa-se um paradoxo nesse quadro, na medida em que há um retrocesso a formas de expressão política, consideradas erradicadas pelo processo histórico.

Desta posta, cabe-nos avaliar como, o uso desses elementos religiosos tem sido implementados nas disputas pelo poder temporal em que nota-se uma ausência da dicotomia entre o poder secular e temporal, em que se pese a retomada do discurso religioso como via de acesso junto a administração pública nacional.

À guisa de análise uma questão antecede essa discussão, daí necessário buscar elementos para respondê-la, isto é a religião está de volta? Pergunta está que não se parou de fazer nos anos 90, quando ganhou notoriedade uma vez que as teorias da modernização sejam as dos anos 50 e 60 e até mesmo os discursos críticos pós-modernos dos anos 70 e 80 se esquivaram ou corroboraram com a tese da secularização , desde a Sociologia até a política, não houve interesse empírico na tese, ficando como um datum.

Assentados num discurso dualista da episteme liberal criam haver um celeuma entre o público e o privado, daí o papel reservado de subserviente da religião na conjuntura contemporâneo.

Contudo, profundas transformações ocorreram no campo religioso nas últimas décadas, mais concretamente no que tange a configuração do quadro no país, tais como a consolidação da liberdade religiosa seguida do enfraquecimento do poder religioso da Igreja Católica acompanhados do processo de redemocratização do Brasil que contribuiu decisivamente na mudança das relações dos grupos religiosos entre si e com a política partidária e o Estado.

Nesse íterim reside o objetivo do trabalho, uma vez que a expansão acelerada dos evangélicos constitui ponto dos mais relevantes para a compreensão de parte das mudanças presentes ocorridas nos campos religioso e político brasileiro.

Com uma parcela de mais de 30 milhões de adeptos, sendo dois terços destes pentecostais , consolidou-se de vez o pentecostalismo como segundo maior grupo religioso do país.

No entanto grande parte do êxito proselitista se dá junto às massas excluídas da sociedade, uma vez que há um dispêndio de esforço para atraí-las mediante promessas de boaventuranças, mais precisamente sucesso econômico, todavia desperta interesse os mecanismos com que exploram os líderes eclesiais em seu favor alegando ser benefício institucional os contextos socioeconômico, cultural político e sobretudo religioso em que estão engajados.

Isto posto, possibilita-nos adentrarmos no que tange ao estreitamento religião e política partidária comumente presente junto aos pentecostais que gozam de expressiva representatividade na arena política vigente, ainda que esse crescimento institucional pentecostal seja fragmentado, em que se pese três igrejas dividindo esse sucesso, as quais juntas somam 13 milhões de adeptos, porém somente duas delas são inseridas ao meio político Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus, já que a Congregação Cristã do Brasil se mantém apolítica devido a ditames doutrinários, sendo assim é possível inferirmos que o êxito eleitoral dessas duas provenha em parte do seu peso demográfico.

Para melhor compreensão desse fenômeno, necessário nos é retomarmos brevemente a história do pentecostalismo, mais precisamente sua relação com o âmbito político, é bem verdade que salvo raras incursões da Igreja Brasil para Cristo nos anos 60, os demais pentecostais se esquivaram até os anos 80 da vida pública. Entretanto durante a ditadura, os governos militares sem o apoio da ala católica lograram lançar mão junto aos evangélicos adesão política, ainda que pequena esse estreitamento se deu em função da postura anticomunista defendida pelos protestantes.

Contudo, esses ainda ficaram as margens da vida política, daí a pecha de alienados comparados ao ativismo católico em especial o papel das Cebs.

Para surpresa nacional esse quadro alterou-se no final dos anos 80 em que o rótulo de que crente não se envolve com política foi substituído pelo lema “irmão vota em irmão”, o que deu origem à famosa bancada evangélica consolidando de vez a desinstitucionalização do religioso deslocando-o para a política, rompendo se as barreiras entre essas esferas.

Exposto o processo, coube-nos encontrar aparato empírico e teórico para a sustentabilidade da pesquisa, ou seja o que legitima essa relação , ou melhor como esses líderes eclesiais lidam com seus princípios éticos e religiosos de tal modo que os assegurem alocação em meio a administração pública.

Nessa empreitada tomamos como aporte teórico o conceito weberiano de dominação carismática presente nesses líderes, o qual constatamos mediante apurada pesquisa de campo como entrevistas junto aos mesmos comparecimento aos cultos de variadas denominações pentecostais, além de aplicação de questionários junto a membresia em que prezamos estipular questões que pudessem nos oferecer resultados tanto para a análise do comportamento eleitoral desses como sua relação a vinculação com o credo pregado por eles.

Pudemos apreender que os fiéis em suas opiniões eleitorais responderam tacitamente votar em candidatos que se não o fossem de suas respectivas igrejas teriam como escolha candidatos evangélicos de outras denominações, contudo nossa atenção não foi exclusiva a membresia , mas sim como no período de análise o que coincidirá com o período pré-eleitoral a postura de pastores, bispos diáconos e presbíteros candidatos a cargos públicos durante seus sermões, conselhos pastorais etc...

Concomitantemente observamos a postura dos fiéis que ao contrário do que se pensa até em círculos acadêmicos crêem ser esses homens dotados de poderes extra-humanos o que atribuem como dádivas de Deus para os mesmos por serem proclamadores do reino, o que pede uma vida exígua quanto a ética, embora os últimos acontecimentos não tenham confirmado isso, contudo os membros acreditam serem estes embustes ou até mesmo perseguições espirituais aos servos do senhor, tornando-se repositários dos discursos pastorais que se apóiam no lema de quando o justo governa o povo se alegra, o que se confirma cada vez mais na administração pública como atestam as candidaturas bem sucedidas de evangélicos e líderes expressivos da Igreja Universal Marcelo Crivella ex-senador e candidato a governador do Rio de Janeiro nessa última eleição.

Por conseguinte, o casal carro chefe Rosa Mateus e Antony Garotinho, ambos líderes eclesiais e políticos expressivos no cenário nacional, que respondem por 95% da preferência eleitoral dos evangélicos a nível nacional.

Outrossim, a criação de partidos políticos eminentemente ligados a ala evangélica, tais como o PSC, parte do PFL e outros de pouco prestígio eleitoral, através desses fatos observados pudemos concluir que a volta da religião está presente o que mostra que a teoria da secularização precisa ser revista e que uma das formas mais eficazes de dominação se dá via religião na medida em que o discurso religioso se encaixa nas promessas feitas por políticos, todavia quando estas vem acompanhadas de elementos religiosos conferem maior legitimidade como pudemos observar à guisa de análise empreendida por nossa pesquisa

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. *As duas fontes da moral e da religião*. Rio de Janeiro; Zahar Editores, 1978.

DURKHEIM, Emile. *Formas Elementares de vida religiosa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1979.
_____. *In Religião e Sociedade*, 1977

MARIANO, Ricardo, *Pentecosatais*, São Paulo: Loyola, 1999.

WEBER, Max *Economia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1977

_____. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*: 3 ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

.

Bolsa: Pae

=